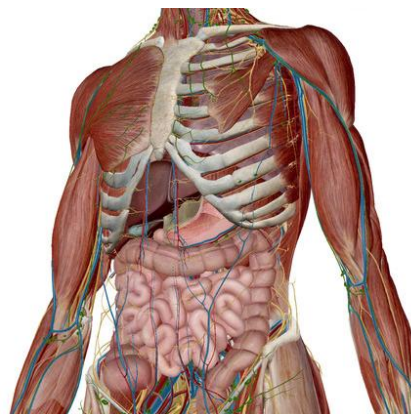


A semiótica da nudez

Seraphim Petroforte

a nudez

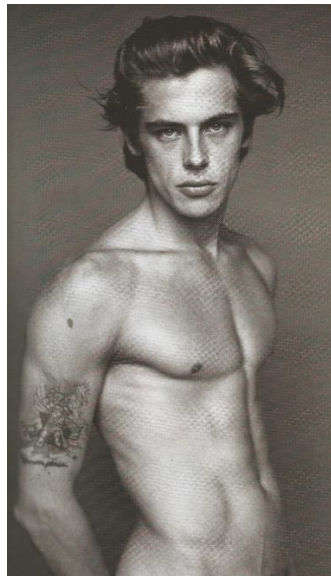
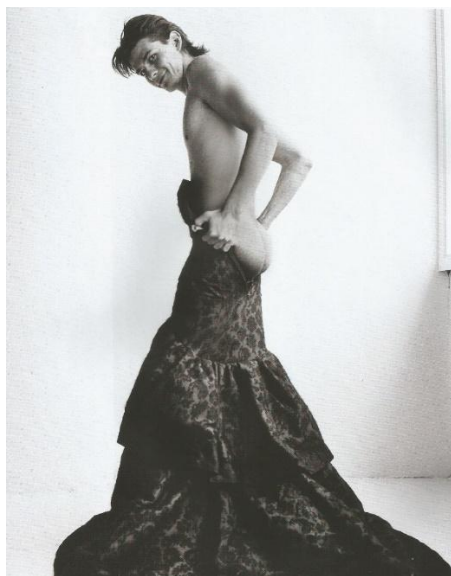
A importância do nu, entre outros temas, nota-se facilmente por sua constante presença nas artes plásticas em pinturas, esculturas, fotografias, vídeos, performances etc.; no mundo da arte, contudo, não basta a ausência de roupas para o corpo se tornar, artisticamente, nu. Para investigar isso, convém lembrar de algumas significações projetadas sobre o corpo humano; entre elas, na cultura ocidental pós-revolução industrial há, pelo menos, dois modos básicos de dar sentido ao corpo: (1) há o corpo despido, identificado com a natureza, objeto de estudos de médicos e biólogos, isto é, o corpo da ciência; (2) há o corpo vestido, associado à cultura. Dessa perspectiva, o corpo despido pela ciência coincide com o corpo máquina; nesse corpo, órgãos e sistemas biológicos se integram e funcionam uns em relações aos outros enquanto peças de um mecanismo. Eis a imagem do corpo segundo atlas de anatomia:



Para o homem ocidental moderno, o corpo máquina parece o significado fundamental do corpo humano, configurando, nessa cultura, o corpo sem conotações; dito de outro modo, trata-se do corpo sem metáforas, contudo, nem sempre foi assim. O corpo máquina se identifica com o corpo renascentista, porquanto filósofos da época do humanismo, feito René Descartes, concebem o corpo mecanicamente; para verificar, basta conferir suas concepções de corpo no célebre tratado *As paixões da alma* (Descartes, 1998). Diferentemente, fora do discurso científico, como na religião, o corpo assume características sagradas; nas religiões judaicas e cristãs, por exemplo, o corpo humano se conforma com a imagem de Deus.

vestir o corpo despido

Em princípio, o corpo máquina não se encontra erotizado; nele, a sexualidade não existe para o prazer, mas serve para a reprodução da espécie. Entretanto, basta lhe conferir movimentos lúdicos ou associá-lo a elementos da cultura para o corpo se tornar erótico, configurando, nessas circunstâncias, a nudez artística. Nas quatro fotografias seguintes, com a nudez tematizada em todas elas, o significado do corpo se distancia bastante do corpo máquina – nos exemplos, as modelos são anônimas e os modelos, Trent Ford e Werner Schreyer, foram fotografados por Mario Testino –:



As poses, bastante lúdicas, não se prestam para a exposição e análise de órgãos e sistemas biológicos; nas fotografias: (1) as modelos se relacionam com outras imagens, quer dizer, no seio da natureza, cercada por matos e diante da lagoa, ou entre engrenagens e máquinas; (2) os modelos se cobrem com vestes femininas, feito Trent Ford, ou exibem tatuagens, feito Werner Schreyer. Dessa forma, nas quatro imagens, os corpos se relacionam a outros objetos, desencadeando novos sentidos além do corpo-máquina.

Nos atlas de anatomia, no corpo máquina se realizam apenas valores semânticos da natureza; nas fotos anteriores, contrariamente: (1) em meio às plantas, uma das modelos complexifica a categoria semântica *animal vs. vegetal*; (2) em meio às engrenagens, a outra modelo complexifica a categoria semântica *natureza vs. cultura*; (3) vestindo ou despindo saia, Trent Ford complexifica a categoria semântica *masculino vs. feminino*; (4) tatuado, com marcas culturais inseridas no corpo naturalmente sem marcas, Werner Schreyer complexifica a categoria semântica *natureza vs. cultura*.

Nesse movimento de negação da natureza, o corpo, em suas relações com outras coisas do mundo, cobre-se com elas, vestindo-se parcialmente; nessa tensão, justamente, entre as partes veladas e as expostas, gera-se o erotismo. Nas próximas fotos, Brigitte Bardot se oculta com leques, enquanto Marilyn Monroe se protege com o vestido; embora as duas atrizes escondam os seios e o púbis, ambas expõem o rosto e o colo, Brigitte Bardot exhibe as pernas e Marilyn Monroe está descalça:



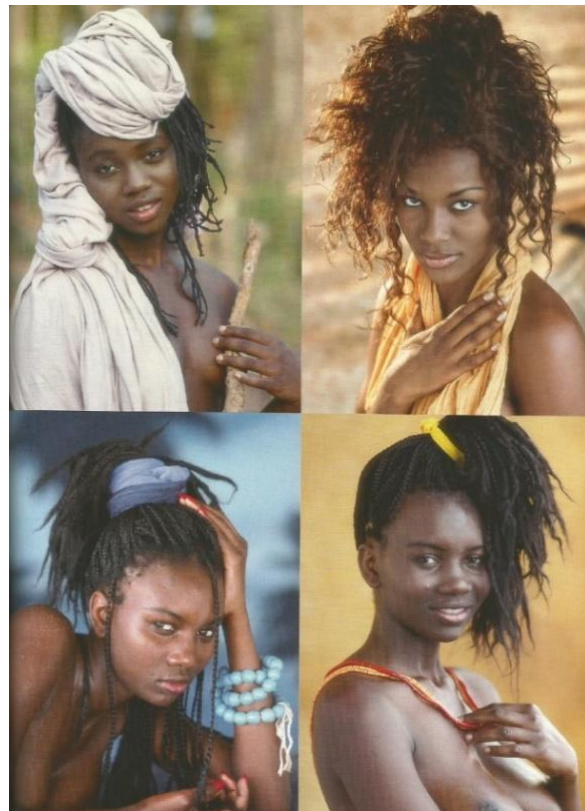
A natureza mecânica, por fim, nega-se completamente quando, inseridos na cultura, os corpos se vestem, conotando, conseqüentemente, valores sociais; a modelo anônima da próxima foto e Ringo Star, vestido por Tommy Nutter, cobrem-se quase completamente, com ela ocultando parcialmente o rosto na aba do chapéu e Ringo nem sequer mostrando as mãos, guardadas nos bolsos.



Nesses exemplos, enquanto fotografias de moda, a ênfase recai na arte do vestir, indicando que o corpo participa da imagem subordinando-se aos trajes; contudo, embora devidamente enroupados, a exposição dos ombros e dos lábios, por parte dela, e, no caso do Beatle, a trajetória artística de astro do rock, parecem suficientes para erotizá-los.

despir o corpo vestido

No desnudamento do corpo vestido, encontra-se outro processo de erotização, contrariamente ao movimento descrito antes, isto é, quando se veste o corpo; isso ocorre, para ilustrar, nestas fotos:



Na primeira foto, a foto em P&B, a modelo expõe os braços e o colo, não desnudando partes do corpo consideradas, explicitamente, nudez, feito genitais ou seios; observando a foto atentamente, verifica-se que a modelo se encontra em uma galeria, diante da exposição de cinco molduras, não se sabe se de desenhos ou fotografias. Nesse lugar, parece singular ela aparecer descalça, sem menções, na fotografia, a nenhuns calçados, dos quais ela teria se livrado momentaneamente; tal foco nos pés se confirma por outras fotos, pertencentes ao mesmo ensaio:



As três fotografias em P&B participam de um ensaio de sessenta fotos, com a mesma modelo, no mesmo lugar. Entre todas as fotos, em apenas três não se mostram os pés; entre as demais cinquenta e sete fotografias, a modelo está descalça em todas elas, com ênfase nos pés mediante foco, plano ou enquadramento. Ademais, as imagens foram colhidas na internet, no site *Footart*, dedicado a ensaios fotográficos tematizando pés femininos.

Nas fotos coloridas, todas as modelos aparecem vestidas; nas quatro fotografias, a exposição dos seios revela-se discreta, destacando-se ombros, colo e rosto, contudo, enfocam-se os cabelos, mais exaltados nas imagens do que as demais partes do corpo. As quatro fotos pertencem ao ensaio fotográfico *Black Ladies*, de Uwe Ommer; em princípio, dedicado à beleza da mulher negra, o fotógrafo detalha, na maioria das fotos, a beleza dos cabelos. No caso, Ommer não cuida apenas dos cabelos crespos, porquanto, em *Asian Ladies*, do mesmo autor, os cabelos são lisos:



Desnudamento semelhante aparece também nas próximas fotografias, em que Robert Plant traz os cabelos longos e soltos e, juntamente com Fred Mercury, ambos exibem abdome, bíceps, além do realce na boca e nos lábios:

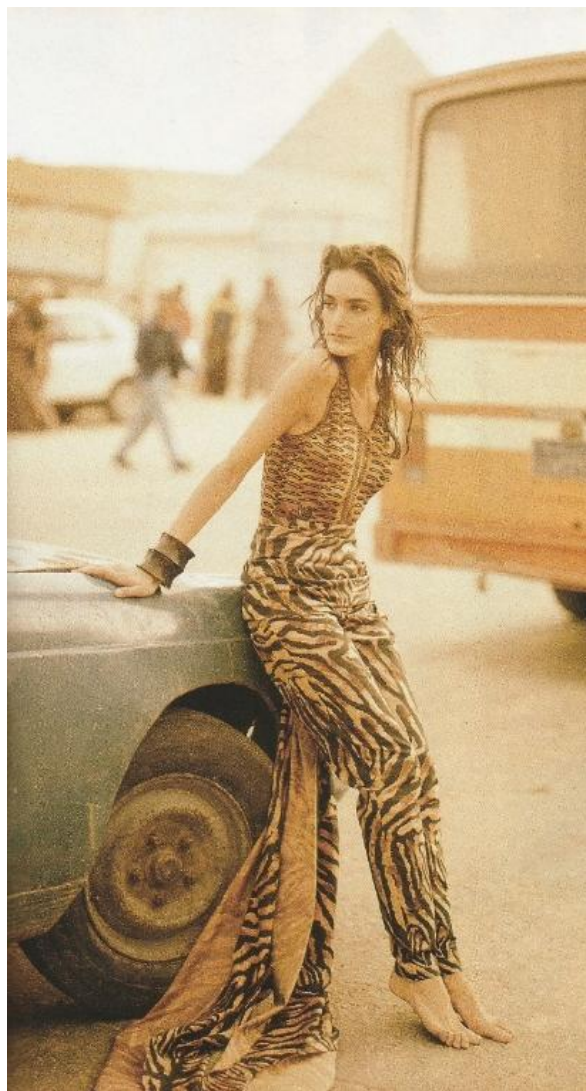


Esse tipo de nudez, fruto do despir, proporciona a nudez fetichista, ou seja, a nudez que investe em partes do corpo e não em sua totalidade.

conclusão

Em sintetize, no período histórico analisado, há o corpo máquina, identificado à natureza e, por pertencer a determinada cultura, esse corpo se veste; nesse vestir, habilita-se, nele, a projeção de valores eróticos, gerando, pelo menos, três formas de erotismo: (1) o chamado nu artístico, quando o corpo se relaciona com valores da cultura, inclusive as roupas; (2) o corpo vestido, cuja ênfase está na roupa e em suas relações com o corpo; (3) o nu fetichista, em que se despem partes do corpo, projetando, nelas, erotismo.

Para terminar, restam dois comentários: (1) embora no texto a palavra “artístico” se atribua somente a uma qualidade de nu, os nus fetichistas também se realizam com arte – atualmente, Elmer Batters, um dos primeiros fotógrafos a assumir o fetiche por pés enquanto arte, é reconhecido artisticamente, assim como o fotógrafo Ed Fox pratica, explicitamente, *Foot Art* –; (2) parece evidente que o fotógrafo determina o tipo de erotismo encaminhado na fotografia – se é nu artístico, foto de moda ou nu fetichista –, contudo, o olhar humano não parece indiferente às paixões eróticas; para verificar isso, basta observar esta fotografia:



Na origem, trata-se de foto de moda, pois as calças vestidas pela modelo são de Jean Paul Gaultier; entretanto, na fotografia se verificam, pelo menos, dois nus fetichistas, quer dizer, os pés e os cabelos.

bibliografia

ASSIS SILVA, I. (org.) (1996). *Corpo e sentido*. São Paulo: UNESP.

AZEVEDO, S. M. de (2017). *O papel do corpo no corpo do ator*. São Paulo: Perspectiva.

DESCARTES, R. (1998). *As paixões da alma*. São Paulo: Martins Fontes.

PIETROFORTE, A. V. (2004). *Semiótica visual – os percursos do olhar*. São Paulo: Contexto.

____ (2016). *A significação na fotografia*. São Paulo: Annablume.

THOMAS, N. (2014). *Body art*. Londres: Thames & Hudson.

WARR, T. (2000). *The artist's body*. Nova Iorque: Phaidon.

São Paulo, 29 de junho de 2026